

JOÃO DO RIO E AS REPRESENTAÇÕES DO RIO DE JANEIRO: O ARTISTA, O
REPÓRTER E O ARTIFÍCIO
João do Rio e a coluna ‘O instante’

Aluno: João Gabriel Rodrigues
Orientador: Renato Cordeiro Gomes

I – Introdução

Minimizada até pouco tempo, a obra de João do rio vem ganhando atenção nos últimos dez anos, depois do declínio das narrativas de ruptura. Grande parte desta obra ainda não foi resgatada de suas fontes de origem, jornais e revistas. Este projeto procura resgata-la, editá-la e estudá-la.

Nascido Paulo Barreto (1881-1921), João do Rio ingressou no mundo jornalístico no dia 01.06.1899. Então com 18 anos, ele fez sua estréia no jornal carioca “A Tribuna”. Assim como em toda sua primeira fase, que durou desde seu ano de estréia até 1903, J. do Rio focava seus textos na crítica de artes em geral, resenhando peças e artigos literários, além de escrever perfis de movimentos artísticos e de escritores da época. Nesta primeira fase, o escritor já adotava pseudônimos na hora de assinar seus trabalhos.

Foi na segunda fase, de 1903 até 1915, porém, que J. do Rio se consagrou. Apesar de ainda dedicar alguns textos a críticas e resenhas artísticas, neste novo período ele passou a dar um enfoque maior nos aspectos políticos e sociais da cidade. É importante lembrar que o Rio de Janeiro vivia sua *Belle Époque*. Portanto, era natural que as (muitas) mudanças na cidade e também no país ganhassem a atenção dos jornalistas da época. Assim explica Nicolau Sevcenko, no livro “Literatura como Missão” (1983):

“É nesse momento que se registra na consciência intelectual a idéia do desmembramento da comunidade brasileira em duas sociedades antagônicas e dessintonizadas, [...]. Nessa luta contra os ‘velhos hábitos coloniais’, os jornalistas expendiam suas energias contra os últimos focos que resistiram ao furacão do prefeito Passos, o ‘ditador’ da Regeneração”(p. 32)

Foi também durante esta segunda fase que também surgiu o pseudônimo mais famoso do escritor: João do Rio, que reforçava sua ligação com a cidade a qual retratava

em seus textos. Em um terceiro momento, marcado pela coluna “Pall Mall”, João do Rio iniciou um gênero que persiste até hoje nos periódicos brasileiros: a coluna social.

Como profissional de imprensa, J. do Rio trabalha numa simbiose de documental e ficcional, com a consciência do dilema do artista na modernidade frente à sua autonomia/individualidade e ao mercado. Realiza as tensões entre o jornalista e o artista, que lança mão do artifício para representar-se na sociedade e escrever “o reflexo tumultuário das transformações da vida no Rio de Janeiro”, que se modernizava sob o patrocínio da república.

Esta pesquisa teve como objetivo resgatar a coluna “O instante”, assinada pelos pseudônimos Paulo José (durante os primeiros anos) e Joe, publicada, com intervalos, entre 1912-1916, nos jornais *Gazeta de Notícias* e *A Rua*. A idéia, portanto, era a de recuperar os textos, enquanto fontes primárias, na Biblioteca Nacional, estabelecendo os títulos originais das colunas e séries, digitalizando os textos e atualizando a ortografia. A partir daí, tentou-se verificar as implicações na produção de sentido do suporte material (jornal), estudando as representações do Rio de Janeiro e a diversidade de assuntos de que tratam as crônicas, com especial ênfase para os temas políticos e sociais da cidade e do país.

Procurou-se com o apoio da bibliografia teórica e crítica pesquisada embasar a interpretação, estabelecendo relações entre mídia, literatura e o universo mais amplo da cultura, o que direcionou a redação do ensaio final que analisa e articula os resultados da pesquisa.

Nota técnica

O trabalho de pesquisa foi dificultado por questões técnicas. A maioria dos jornais analisados em formato de microfilme não permitia a cópia digitalizada, devido à má qualidade dos mesmos. Além disso, no acervo da Biblioteca Nacional e em outras fontes pesquisadas não consta o jornal “A Rua”, no qual foi publicada grande parte da coluna “O instante”, assinada integralmente com o pseudônimo Joe, que já havia aparecido na fase final da publicação do jornal *Gazeta de Notícias*.

Outra fonte de pesquisa foi o Catálogo de João do Rio, organizado por João Carlos Rodrigues. Apesar de bem detalhado e de ser uma excelente fonte de consulta, o catálogo apresenta alguns erros, só descobertos no decorrer da pesquisa. Além de textos

não condizentes com datas, entre outras coisas, há um erro de informação capital à pesquisa. Segundo o catálogo, Paulo Barreto assinou um texto da coluna “O instante” com o pseudônimo João do Rio. Esse texto, publicado no dia 09.06.1912, com o título de Cyrano, foi, na verdade, assinado como Paulo José, o último com esta assinatura. Daí em diante, após um intervalo de dois anos, as crônicas já passaram a ser assinadas com o pseudônimo Joe.

II - João do Rio e ‘O Instante’

Antes de analisar o conteúdo da coluna, é preciso identificar o constante interesse de João do Rio neste corte de tempo e espaço: o instante. Fruto da era moderna, que impunha uma série de cortes na realidade para analisar os fatos, o instante serve como retrato desta realidade, que obriga uma necessidade de renovação constantemente, já que se torna preso a um presente que logo se torna passado.

Caracterizado por Georg Simmel (1987, pg. 12) como “o rápido agrupamento de imagens em mudança, a descontinuidade acentuada no alcance de um simples olhar e a imprevisibilidade de impressões impetuosas” e referendado por Leo Charney (2004, pg. 317), destacando sua relevância, “captado em meio ao ambiente de sensações fugazes e distrações efêmeras”, o instante foi objeto de estudo de diversos filósofos e sociólogos no decorrer do século XX. Com a chegada do cinema ao Brasil, João do Rio tenta aplicar esta fragmentação da realidade em seus textos. Os dois principais exemplos desta tentativa são as colunas “Cinematographo” e “O instante”, ambas publicadas no jornal carioca Gazeta de Notícias, um dos principais em circulação na época.

Partindo da obra de Baudelaire, que definiu o moderno como a “tensão paradoxal entre o fugaz, o efêmero e o eterno”, Renato Cordeiro Gomes retratou bem esta problemática presente na obra de João do Rio:

“Tais aspectos unem-se à captação e à vivência do ‘instante’ relativo ao processo de metropolização que caracteriza a vida moderna. Aí, como sublinha Simmel, o indivíduo e o grupo realizam-se em um ambiente social artificialmente produzido por eles mesmos (a cidade moderna) e onde são dominados pelo aspecto tecnológico da existência. A tecnologia condiciona os ritmos e os ritos da vida moderna nos centros urbanos, bem como afeta a produção da cultura midiática”(pg. 134)

As questões tecnológicas são traço marcante da obra de João do Rio. Diversos são os seus textos que retratam as mudanças da sociedade motivada pelo acesso a novas tecnologias, como o cinema, os automóveis e a aviação. Esta modernização da cidade, porém, tornava oculta uma outra parte, esquecida e desafiada por este novo caminho moderno. Renato Cordeiro Gomes, no artigo “Dimensões do instante: mídia, narrativas híbridas e conexões urbanas”, define bem a importância da literatura de João do Rio em conjunto com as mudanças na cidade.

“Essas ressonâncias de impacto tecnológico que põem em circulação uma nova mídia e alimentam o imaginário que João do Rio testemunha ao relacionar as novas tecnologias, o Rio de Janeiro que se modernizava e o cinema que, como máquina de fantasia”, o capta em seu movimento vertiginoso. O instante, a vertigem, a multiplicidade, a diversidade, a descontinuidade articulam-se na representação midiática da cidade moderna” (2008, pg. 141)

Como mostra o escritor Antonio Edmilson Martins Rodrigues, em “João do Rio – A cidade e o poeta, o olhar de flâneur na Belle Époque tropical” (2000):

“João do Rio, ao renovar o jornalismo carioca, abriu caminho para um avanço do conhecimento da cidade, revelando o ‘mundo das sombras’, colocando em evidência aquilo que a modernização escondia e transitando por um espaço de crítica social. Esse movimento transformou o modo de ver a cidade. A crônica do banal e do cotidiano expressou-se como o modo mais rápido de entender as mudanças. O gênero recuperou a tradição com a velocidade de um novo tempo” (pg. 23).

Martins Rodrigues prossegue adiante, ressaltando a importância da obra de João do Rio, escritor que, talvez por amor, talvez por necessidade de conhecimento, levava o nome da cidade onde morava em seu pseudônimo.

“No fundo, a grande contribuição de João do Rio foi a de mostrar que se pode transformar tudo o que está à nossa volta em objeto de literatura, de jornalismo e de história, sobretudo as coisas que estão no escuro, no campo sombrio da noite e nos espaços socialmente proibidos, as coisas pequenas, óbvias e comuns, diria Charles Baudelaire” (pg. 23).

A coluna “O instante” servia, portanto, como prosseguimento a um processo iniciado por João do Rio em “Cinematographo”. Cada texto retratava um aspecto da cidade em determinado espaço de tempo e lugar. Por vezes, expandia seu ambiente de estudo para um universo nacional, motivado pelo fato de o Rio de Janeiro ser, então, a capital da República, e local onde aconteciam os fatos que influenciavam a vida do restante do país. Suas crônicas abrigavam desde críticas descaradas ao governo da época (característica que atraiu para si inimizades publicamente conhecidas) até denúncias sociais.

Na coluna, que circulava quase diariamente, em sua maioria, na capa do jornal, João do Rio traçou um perfil da cidade que, aos poucos, se redescobria, completamente nova, mas ainda com traços que remetiam aos tempos de colônia. E, assim, criticava esse falso avanço, que, enquanto embelezava as ruas do centro, nos moldes das capitais européias, empurrava para o subúrbio a parte pobre e suja da cidade, tentando esconder estas camadas por debaixo do tapete.

Na crônica de abertura da coluna, intitulada “A moralidade”, publicada na primeira página do jornal “Gazeta de Notícias”, João do Rio dá um caráter mais nacional ao texto. Em sua estréia, “O instante” louvava a candidatura do senador Clodoaldo Ferreira ao governo de Alagoas, afirmando se tratar um dos poucos políticos da época a possuir uma qualidade que deveria ser inerente a todos: moralidade. O texto ainda critica a falta de conduta dos políticos em geral:

“Na atual crise política, há recentemente um aspecto interessante: o prestígio fulminante e único da moralidade. Toda a crise – com as bravatas do general José Gomes, a atitude do PRC, a reunião dos generais, parte do caso de Alagoas, e de ter aceito sua candidatura ao cargo de governador, o coronel Clodoaldo Fonseca. Mas o coronel Clodoaldo da Fonseca é um homem de bem – como a maioria dos homens que não estão na cadeia e exercem cargos públicos, diriam os cidadãos de uma época normal, admirados da adversativa. [...] A grande qualidade, a qualidade anormal, preciosa, rara, única é ser honesto. [...] Isso é singularmente típico para pintar uma época – uma época da sede de moralidade” (1912, pg. 1)

Em “O dono de todas as situações”, João do Rio comentava sobre o suposto enfraquecimento do poder político do senador gaúcho Pinheiro Machado, uma das figuras mais influentes do cenário político nacional da época:

“Dizem que o general Pinheiro está com o prestígio diminuído. Provam mais uma vez que o general Pinheiro começou a mandar menos. As palavras do coronel Clodoaldo e o discurso do general Caetano de Faria provam assaz que várias pessoas deixaram de obedecer a suas injunções. Até por momentos parece que o Marechal ri um pouco do terrível patriota levita do Al Corão – porque, precisamente, dá ares de que não sabe de coisas absoluto contrárias ao Exmo. Dono de todas as situações.”(1912, pg.2)

Foi seguido por “Prejudicados”, com um teor mais social do que político, no qual criticava uma licença especial cedida pela prefeitura a seus “amigos”, para que estes não precisassem cumprir uma lei que atingia os comerciantes da época:

“A lei que regula o trabalho dos empregados no comércio é uma consequência natural do nosso progresso. O prefeito estava com os seus princípios democráticos, patrocinando; patrocinando-a, a imprensa agia em nome da maioria, exigindo-a; e os patrões aceitando-a, curvaram-se, não diante da prefeitura, mas diante do número de caixeiros. [...] Ou o ilustre prefeito limita a licença especial ou a licença especial engole a lei das 12 horas e ao as que desejavam os prejudicadores” (1912, pg.1)

Os temas começaram, então, a se alternar. Mas o escritor também discutia assuntos mais amplos como em “O Repórter”, sobre as atribuições de um jornalista na cobertura política; “A aviação”, com os comentários do povo sobre o tema; e “O máscara”, uma conversa fictícia com Belisário Távora, uma figura.

Uma série de textos que fez sucesso na época foi sobre a chegada de duas curandeiras chinesas, vindas de Lisboa, ao Rio. O assunto rendeu quatro colunas, que contaram a rotina das chinesas na cidade até a descoberta de sua farsa por oculistas e policiais, no texto “A flecha de Zenon”, publicada no dia 21.03.1912.

Após a publicação de Cyrano, que questionava a lealdade do deputado Flores da Cunha a um caudilho da época, Accioly, “O instante” deixou de ser publicado, voltando somente cinco meses depois, assinado por Joe. Desta vez, a coluna focava mais em assuntos culturais, como exposições, peças e livros. Infelizmente, os jornais desta fase, que fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional, não estão em boas condições para a consulta.

A coluna só voltou a ser publicada no dia 26.08.1915, quase três anos depois, já no jornal *A Rua*. Em sua estreia no novo jornal, o autor tratou sobre a falta de decisão e iniciativa de Venceslau Brás, então presidente do país. A partir desta crônica, João do Rio, ainda sob o pseudônimo Joe passou a criticar abertamente o governante. A coluna durou pouco mais de sete meses, tendo seu fim em “O Senhor Joaquim”, no dia 23.03.1916.

Ao todo, foram 166 publicações da coluna, o que a torna um dos mais numerosos trabalhos de João do Rio. Talvez, a de maior consciência política. Apesar de o tema também ser freqüente em outras publicações do autor, foi em “O instante” em que foi tratado mais vezes. Pela análise dos textos, J. do Rio usava a coluna como forma de argumentar publicamente contra governo e governantes e questionar problemas sociais, além de pitadas irônicas sobre os mais diversos assuntos.

A variação de temas, mas calcados sempre no âmbito político-social, é discutida por I. Del. Neves-Manta, no livro “A arte e a Neurose de João do Rio” (1969):

“Produziu, de fato. Todavia, nem por isso deixam todas as suas obras de trescalar, da última à primeira, a invulgaridade dos assuntos, palpitantes sempre de suprema estesia” (pg. 53)

Este retrato da realidade em seus mais variados temas é mais uma semelhança da literatura que João do Rio produzia e o cinema. A captação de “imagens”, pinçadas de uma realidade mais ampla, e a análise destrinchada deste recorte é característica recorrente tanto à sétima arte quanto a uma parte do trabalho do escritor, neste caso, a coluna “O instante”. Alguns de seus outros trabalhos, porém, também tinham esta característica, como “O dia de um homem em 1920”, pinçado da coletânea de contos *Vida Vertiginosa*. No texto, escrito em 1910, ou seja, dez anos antes do tempo em que se passa sua história, e publicado no ano seguinte, João do Rio traça um retrato do que imagina que virá no futuro:

“O homem superior deitou-se às três da manhã. Absolutamente enervado por ter de aturar uma ceia com champanha e algumas cocotes milionárias, falsas da cabeça aos pés porque é falsa a sua cor, são falsas as olheiras e sobancelhas, são falsas as pérolas e falsa a tinta do cabelo nessa ocasião, por causa da moda, em todas as belezas profissionais ‘beije foncé’. Acorda às seis, ainda meio escuro, por um movimento convulsivo dos colchões e

um jato de luz sobre os olhos produzido pelo despertador elétrico, último modelo de um truste pavoroso” (1911)

No texto “Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade”, Leo Charney analisa a ligação entre a realidade fragmentada em milhões de instantes e sua efemeridade, e como o cinema lida com isso, em alguns momentos representando este “esvaziamento da presença que caracterizou o moderno”, mas também representando como o cinema “transformou o presente oco em uma nova forma de experiência”. Estas representações fazem parte do universo de João do Rio. Se por vezes suas crônicas têm como intenção apenas retratar a nulidade exposta no real, e, assim, chocar quem as lê; em outras apresenta uma realidade na qual há a participação do próprio leitor, abrindo um canal de comunicação que não era comum na época. Criticado por, muitas vezes, parecer “popularesco”, João do Rio dava aos seus leitores a oportunidade integrar este novo mundo, de expor suas idéias e preocupações.

Georg Simmel caracterizou o clima da modernidade pós-1870 como “o rápido agrupamento de imagens em mudança, a descontinuidade acentuada no alcance de um simples olhar e a imprevisibilidade de impressões impetuosas”. Assim, Charney define o movimento que veio a seguir, na tentativa de estudar estas mudanças de percepção:

“Em meio a esse ambiente de sensações fugazes e distrações efêmeras, críticos e filósofos procuraram identificar a possibilidade de experimentar um instante. Essa experimentação, nesses contextos, significou sentir a sua presença, vivendo-o por completo. O instante existe na medida em que o indivíduo experimenta uma sensação imediata e tangível. Essa sensação é tão intensa, tão fortemente sentida, que esvaece assim que é sentida pela primeira vez.” (2004, pg.317)

No artigo “Dimensões do instante”, Renato Cordeiro Gomes volta a afirmar a importância do estilo de João do Rio na imprensa da época, construindo sua história crônica a crônica, sem importar uma necessidade de conectividade clara e explícita entre os textos:

“João do Rio demonstra uma aguda consciência do papel da imprensa no mundo moderno, tributário do instante [...], e prende-se à matéria com que irá construindo uma obra em progresso, aberta e inacabada, cuja grandeza,

sem a grandiloquência do épico tradicional, é feita do instantâneo [...], do flagrante do cotidiano urbano”. (2008, 141-142)

III – Conclusões

Dentro da obra de João do Rio, a coluna “O instante” talvez tenha sido a mais forte representação de seu lado político/social. Nas 166 publicações da coluna, o escritor traçou o retrato completo de um Rio de Janeiro (e de um Brasil) marcado por fortes mudanças estruturais. A Belle Époque carioca, ao mesmo tempo que trazia a modernidade para as ruas da cidade, fazia crescer uma desigualdade que persiste até hoje. E João do Rio, através dos pseudônimos Paulo José e Joe, traçou o perfil da cidade, apresentando suas fraquezas e qualidades de uma forma clara e marcante.

A importância do “instante” na coluna, ressaltada em seu título, é evidente quando paramos para analisar o seu desenvolvimento de temas e como o autor “pinça” determinado assunto de um plano-realidade mais amplo. João do Rio traça um perfil de cada acontecimento isolado, destrinchando cada detalhe sem importar o meio onde está inserido. Ainda assim, suas palavras deixam claro que a época vivida é a causadora disto. A coluna não segue uma lógica de assuntos. Mesmo quando temas se repetem na coluna, isto não acontece de forma seguida.

Ou seja, há uma mistura de temáticas e cada uma tratada separadamente. É como se fosse um laboratório onde cada parte de um tecido é isolada para ser estudada separadamente das outras e do tecido inteiro. Além disso, cada texto é a representação de um setor diferente da sociedade, não como forma de levantar a bandeira deste setor, mas uma forma de destrinchá-lo.

Ao deixar de lado temas mais culturais, mas sem esquece-los, J. do Rio se tornou um dos cronistas mais influentes daquela geração. As colunas representavam o lado esquecido da sociedade, encoberto pelas mudanças estruturais que o Rio passava.

Outra questão importante de se ressaltar é a influência das novas tecnologias na obra do escritor. Fascinado, mas sem perder o senso crítico, João do Rio usou novas tecnologias como cinema, os automóveis e a aviação para criar metáforas de uma nova cidade que estava se criando.

No geral, a coluna “O instante”, uma de suas mais numerosas publicações, serviu como meio de críticas abertas a governantes e de pessoas da alta sociedade. Apesar de, com isso, criar inimizades poderosas, João do Rio tentou incentivar a veia crítica da população, que, reprimida pelo governo, não tinha voz suficiente para chamar a atenção para si, e, por isso, ficava esquecida e excluída da nova realidade social.

Bibliografia:

RIO, João do. “O Instante”, in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro: 1912, jan-out.

RODRIGUES, João Carlos. João do Rio – Catálogo Bibliográfico. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1994.

CHARNEY, Leo. “Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade”, in CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa K. (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naif, 2004

NEVES, Margarida de Souza, “Brasil, acertai vossos ponteiros”, in *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1991.

Gomes, Renato Cordeiro. “Dimensões do instante: mídia, narrativas híbridas e experiência urbana”, in *Comunicação, Mídia e Consumo/Escola Superior de Propaganda e Marketing*. v. 5, n. 12. São Paulo: ESPM, 2008

SEVECENKO, N.. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”, in SEVECENKO, N. (org). *História Privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”, in VELHO, Gilberto (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, 11-35.

RODRIGUES, Antonio E. M.. “João do Rio – A cidade e o poeta. O olhar de flâneur na Belle Époque Tropical”. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

NEVES-MANTA, I. de L.. “A arte e a neurose de João do Rio”. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960